

FILHAS, PROFESSORAS, SANTAS, MARGINALIZADAS E MAIS: UM ESTUDO DAS IDENTIDADES FEMININAS DE 1902 A 1904, NA TRIBUNA DE PETRÓPOLIS

Tamara Campos¹

RESUMO

Entre o século XIX e início do século XX nos Estados Unidos, ocorreu o início movimento sufragista, também conhecido como a primeira onda do feminismo, sucedida por outras duas ondas no século XX. O artigo aborda a primeira onda, analisando representações femininas na imprensa brasileira no período de 1902 a 1904. A ideia é compreender as identidades permitidas para as mulheres petropolitanas no período. A análise do trabalho é feita através do jornal impresso Tribuna de Petrópolis, cujo início é em 1902, sendo um dos jornais mais antigos do país e atuante por mais de cem anos, a Tribuna não possui o seu acervo digitalizado e parte de suas edições já está deteriorada. O artigo, assim, tem por objetivo analisar os discursos empregados no jornal para descrever as mulheres, investigando se existia algum espaço de fala para elas. O *corpus* compreende um ano e cinco meses de análise, em um total de 199 dias e 804 páginas analisadas. A identidade mais representada no período foi a de 'Filhas e esposas' com 91 menções, e a menos representada foi a de 'Empoderadas' com 8 menções.

Palavras-chave: Feminismo. Imprensa. Representação. Discurso. Tribuna de Petrópolis.

DAUGHTERS, TEACHERS, SAINTS, MARGINALIZED AND MORE: A STUDY OF FEMALE IDENTITIES FROM 1902 TO 1904, AT THE TRIBUNE OF PETRÓPOLIS

ABSTRACT

Between the 19th century and the beginning of the 20th century in the United States, the suffrage movement, also known as the first wave of feminism, took place, succeeded by two other waves along the 20th century. This paper addresses the first wave, analyzing female representations in the Brazilian press from 1902 to 1904. The idea is to understand the identities allowed for

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes UNIGRANRIO.

Petropolitan women in the period in focus. The analysis of the work is done through the printed newspaper *Tribuna de Petrópolis*, which began in 1902. Being one of the oldest newspapers in the country and operating for over a hundred years, the *Tribuna* does not have its collection digitized and part of its editions is already deteriorated. The paper aims to analyze the discourses used in the newspaper to describe women, investigating whether there was any space for them to speak. The scope comprises one year and five months of analysis, in a total of 199 days and 804 analyzed pages. The most represented identity in the period was 'Daughters and wives' with 91 mentions, and the least represented was 'Empowered' with 8 mentions.

Keywords: Feminism. Press. Representation. Discourse. *Tribuna de Petrópolis*

INTRODUÇÃO

Tanto as bruxas da Idade Média quanto as mais comportadas senhoras e condessas do final do século XIX, tiveram suas histórias marcadas pelo mesmo mal: o mal de serem mulheres. E esta condição foi motivo de inúmeras torturas, agressões, prisões, abusos sexuais, desigualdade de gênero e uma anulação praticamente total de seus direitos como mulheres e como membros da sociedade em inúmeros momentos da história. Como relembra a autora Silvia Federici em sua obra 'Calibã e a bruxa - Mulheres, corpo e acumulação primitiva (2017)'. Suas existências se limitavam apenas a servir ao patriarcado, a realizar tarefas domésticas e a cuidar da prole. O conceito de patriarcado vem sendo debatido ao longo das décadas por diferentes autores (FRIDAN, 1971; SAFIOTTI, 2004; DURHAN, 2004; FEDERICCI, 2017 e 2021). Por abranger diversas teorias, desde a organização social e o estado de natureza (LOCKE, 1998), até estudos como a falocracia, androcentrismo e as próprias relações de gênero, entende-se por patriarcado a dominação e opressão do sexo masculino sob o feminino. Independente da corrente de pensamento, o significado do conceito do patriarcado, em sua origem, é de grande valia para uma melhor compreensão e estruturação teórica e política dos feminismos (PATEMAN, 1993).

Apesar de hoje não serem queimadas em fogueiras, as estatísticas demonstram o quanto o tema ainda não recebeu, apesar dos avanços nos

últimos anos, a devida atenção. As mulheres continuam sofrendo inúmeros tipos de agressões e permanecem expostas, sem obter seus devidos direitos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a taxa de feminicídio no país ocorre em uma proporção de 4,8 para 100 mil mulheres, com um aumento de 54% de assassinatos de mulheres negras entre os anos de 2003 a 2013, passando de 1.864 para 2.875 mortes.

O feminismo, para Simone Beauvoir, uma das principais pensadoras do tema, representa que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1980). Ou seja, não é algo ligado ao biológico, sendo produto de relações de poder sociais e históricas. O movimento feminista é dividido em três ondas (BELL HOOKS, 2000), com problemáticas que envolveram desde o direito ao voto, estudo e trabalho até o direito à liberdade do próprio corpo e, ainda assim, a condição de ser mulher em qualquer lugar do mundo ainda não alcançou a posição de igualdade que o gênero oposto usufrui.

A primeira onda do movimento foi denominada de sufragismo (STANTON, 1848), e ocorreu nos Estados Unidos entre o século XIX e início do século XX, posteriormente se espalhando pelo mundo. O direito ao voto e a educação foram as principais temáticas levantadas. As ativistas, chamadas de sufragistas, realizaram protestos com impactos significativos para a época. Muitas foram presas e agredidas. Dentre as conferências, assembleias e emendas realizadas em prol dos direitos das mulheres, em 1893 a Nova Zelândia é o país que estreia o direito ao voto feminino, e durante metade do século XX, esse direito foi conquistado em inúmeros países, incluindo o Brasil, no ano de 1932, no governo Vargas.

Já a segunda onda, tem seu início em 1960 e segue dando continuidade às propostas iniciais. Neste momento, o mundo respirava um contexto de grandes mudanças e revoluções sociais. O movimento hippie, manifestações estudantis, guerra do Vietnã e resistência contra ditaduras, foram o pano de

fundo para a segunda onda. Temas como, igualdade de direitos, igualdade de gênero e liberdade sexual formaram a pauta do movimento entre 1960 e 1970.

A terceira onda e a atual, tem seu início em 1980. Trazendo as questões das duas ondas anteriores, assim como a questão da desigualdade salarial, violência, mulheres negras e a mídia.

Este artigo tem por finalidade analisar a produção dos discursos, assim como sua seleção, organização e o espaço destinado às mulheres na imprensa brasileira no início do século XX, mais especificamente na cidade de Petrópolis, coincidindo com a primeira onda feminista datada no mesmo período (passagem do século XIX para o século XX). O motivo da escolha desse periódico é devido a sua importância histórica não apenas na cidade, mas como meio de memória social, principalmente com o foco voltado para a realidade das mulheres da época e também pela preocupação do material vir a se perder devido ao estado de deterioração de algumas páginas do acervo que só existe fisicamente, na biblioteca Gabriela Mistral, em Petrópolis.

Tribuna de Petrópolis

No Brasil, muitos foram os jornais e periódicos que ajudaram na construção do país e de sua realidade em cada época assim como na história da imprensa, se tornando hoje, materiais de pesquisa para diversas áreas do conhecimento. Grande parte da construção social e cultural da humanidade foi moldada pelos registros escritos e produção documental (LE GOFF 1970).

O Jornalismo atua na construção da memória social, pois jornais não apenas informam, mas formam também a realidade e o tecido social. Um jornal secular e importante para a história do Rio de Janeiro e da cidade de Petrópolis está com acervo físico se deteriorando e sem previsão de digitalização, além de ser alvo de poucos trabalhos acadêmicos: a Tribuna de Petrópolis, que é objeto de análise deste trabalho. Apenas um artigo foi encontrado (Costa, 2017), enfatizando o esforço de um grupo de políticos locais que buscava recuperar o poder perdido com a mudança da capital do estado do Rio de Janeiro de Petrópolis para Niterói. Uma dissertação de mestrado de mesma

autoria (Costa, 2011) também fora levantada e propõe a análise de três períodos distintos do jornal: período de fundação, a crise nos anos 50 a 70, no qual o veículo chega a decretar falência, e, por fim, as décadas finais do século XX, quando a propriedade do jornal passa para a mão dos herdeiros da família real.

Pela importância histórica da Tribuna, por ser um dos jornais mais antigos do Brasil e ter funcionado até 2020, por integrar o rol dos primeiros jornais coloridos do país e um dos primeiros a entrar na internet, acredita-se que privilegiar esse periódico é também ajudar a contar uma história da imprensa não só petropolitana como brasileira.

Com mais de um século de circulação, a Tribuna teve seu início no ano de 1902, que coincide com os primeiros anos da primeira onda do movimento feminista. Tal acervo secular está armazenado na Biblioteca Municipal Gabriela Mistral. Em 1902, existiam três periódicos principais na cidade. Um deles, chamado de jornal 'O Povo', é vendido para o grupo 'Oliveira & Cia' sendo renomeado 'Tribuna de Petrópolis'. O jornal, que contava com publicações bissemanais, passa a conter publicações diárias apenas em 1908. Em 1928, é inaugurada a nova sede na rua Alencar Lima onde se encontrava em funcionamento até 2020. Na década de 70, um dos herdeiros da família real adquire o jornal (Costa, 1911, p.11).

O jornal digital Tribuna de Petrópolis funciona em paralelo com a Radio Tribuna, o site Tribuna Online, as redes sociais (Facebook, YouTube e Instagram) e conta com o projeto Tribuna News que traz informações através de vídeos diários nas redes com as principais notícias do dia (Orleans e Bragança, 2020).

Metodologia

Aplicando o método de pesquisa documental realizado na Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral localizada na cidade de Petrópolis, a pesquisa tem seu início do ano de 1902 com término em 1904, totalizando 199 edições analisadas. Cada edição tem quatro páginas, sendo que as páginas

três e quatro são compostas basicamente por anúncios, que não são considerados como integrantes do corpus da análise.

O método consistiu em ir à biblioteca, fotografar as páginas do jornal, ler todo o material, a fim de procurar por menções a mulheres. Caso a notícia só tematizasse homens era imediatamente descartada do universo de análise. Optou-se por fazer um sorteio pelo site sorteador.com, tendo como objetivo elencar, de modo aleatório, um dia de cada semana das publicações.

Uma vez encontrada alguma nota, notícia ou poema com referência a alguma mulher, fomos construindo uma categorização a partir do material analisado. Chegamos, assim, a nove identidades: 1) religiosa, 2) artista, 3) professora, 4) santa, 5) marginalizada, 6) serviçal, 7) filhas e esposas, 8) estudantes, 09) empoderadas. Adiante, explicaremos o que cada uma dessas identidades envolve, quando trouxermos alguns exemplos do próprio periódico, no estudo de caso.

Esses registros de identidades mapeadas foram contabilizados em um excel, bem como a descrição breve de cada registro. A identidade mais representada no período foi a de 'Filhas e esposas' com 91 menções, e a menos representada foi a de 'Empoderadas' com 8 menções.

Conforme Campos (2020, p.3), "ao analisar publicações na imprensa acerca da mulher é possível compreender quais as identidades permitidas no âmbito discursivo no período, bem como até que ponto a mulher era tematizada e em que pautas".

Estudo de caso: as identidades femininas na Tribuna de 1902-1904

Abaixo, explicamos cada uma das identidades que criamos, com base no material analisado.

As filhas e esposas – Aparecem como coadjuvantes dos maridos. Em notas de casamento e aniversários dificilmente seus nomes aparecem, estando associadas a algum homem, geralmente pai ou marido. Sua identidade, assim, é apagada e dependente da masculina. Outro fato interessante, são as notas

de suicídios de mulheres da época. Notas extensas e detalhadas para mulheres que eram filhas ou esposas de homens importantes, descritas como 'veneradas senhoras de tão seleta sociedade'. Enquanto as mulheres comuns que cometiam suicídio, eram apenas notas rápidas, não apareciam seus nomes e descritas como 'infelizes'. A identidade de 'filhas e esposas' aparecem 91 vezes no jornal. Em notas ou notícias relacionadas a casamentos, enterros e aniversários, aparecem 68 vezes todas com os nomes delas e dos maridos, assim como as funções exercidas pelos maridos ou sogros ou filhos. Das 91 menções, a figura masculina aparece 88 vezes.

A santa – Presente poemas e de forma ingênua/pura, ou relacionadas a temas religiosos e organizações de eventos sociais. Comparada em alguns poemas a figura da Virgem Maria. Descritas sempre de forma elegante e cortês, termos como: "senhoras de almas boas e caridosas" relacionado a caridade, ou elegantes senhoras associando a eventos sociais. É alçada em um patamar inalcançável, como um ser perfeito. A identidade da 'santa' aparece 48 vezes, sendo 16 vezes em eventos sociais com seus nomes e sobrenomes mencionados 10 vezes. O restante (32 das 48 vezes) aparece em poemas, contos, e crônicas de forma inocente e angelical.

A serviçal - Aparece em anúncios. Criadas, empregadas de cor branca, cozinheiras arrumadeiras. De 84 anúncios, aparecem descritas desta forma 44 vezes. Aparecem anúncio contratando 'meninas de 12 a 15 anos para serviços leves', assim como 'meninas para aprendiz de costura'. Descritas nos anúncios como um produto a ser adquirido. Para determinadas famílias, era exigido que a criada fosse de cor branca ou de origem europeia.

A artista – Relatadas com prestígio, elogios e adjetivos. Em todas as menções, aparecem seus nomes e sobrenomes. A arte, especialmente o teatro, era muito valorizado na época. Mulheres e homens recebiam o mesmo tratamento relacionado aos seus talentos. Apenas notícias positivas sobre essa identidade. Citada 35 vezes, todas com seus nomes e sobrenomes nas menções.

A marginalizada - Identidade retratada com termos pejorativos, ofensas pessoais, sem identidade ou nome. Maria de tal ou uma negra eram construções comuns. O sobrenome não importava, era só mais uma Maria pobre. Nas notícias envolvendo a polícia, não é esclarecido os motivos das mulheres serem levadas a delegacias ou interrogadas, notas curtas e rápidas. Ficam às margens da sociedade. Notícias inconclusivas. Aparece 36 vezes, 10

vezes em notícias sobre espancamento ou morte, 11 vezes em notícias sobre acidentes, falta de assistência ou negligência médica ou luta por seus direitos exclusão social, abandono, e 6 vezes em notícias relacionadas a polícia ou abusos sexuais. 9 notas curtas com informações relacionadas à vadiagem ou prostituição.

A professora – Pouco valorizada, a maioria das notícias são sobre atrasos de salários ou pedido de afastamento. Seus nomes e sobrenomes são citados. Notas curtas e rápidas. 21 menções da identidade 'professora'. Sendo 2 elogios, um deles para uma professora de música. 7 menções a respeito de transferência ou afastamento devido a problemas de saúde ou ameaça, 4 menções a respeito de salários atrasados ou multas e 3 menções sobre procura de emprego e anúncio de famílias contratando. Dentre as 21 menções, seus nomes e sobrenomes aparecem 14 vezes.

As estudantes - Citadas em notícias ligadas a temas escolares ou religiosos, apenas. A educação e a religião aparecem de forma muito intrínseca. As notas e notícias divulgam seus nomes e sobrenomes somente em notícias relacionadas a exames escolares. Fora isso, não são nomeadas e são descritas como 'pobres órfãs', principalmente em notícias pedindo doações a instituição de ensino religiosa. Há 16 menções da identidade 'Estudante', tendo seus nomes e sobrenomes figurado em 10 delas.

A religiosa - Relatadas com prestígio e muitos adjetivos, com espaço de voz maior no jornal, em comparação a outras identidades femininas. Em quase todas as menções que são feitas aparecem seus nomes e sobrenomes, assim como suas funções. Quando não aparece o nome, sempre aparece a função. Foram identificadas 16 menções da identidade 'mulher religiosa', 14 citações a respeito de cerimônias religiosas, doações para a escola Amparo e hospital Santa Tereza onde tinham maior atuação, visita ao colégio Santa Isabel, e visita de missionárias. Duas das menções são referentes a doações recebidas e as irmãs escrevendo notas de agradecimento sendo publicadas no jornal com seus nomes e funções.

As empoderadas- Uma identidade rara para a época. Aparece apenas 8 vezes no jornal. Três das notícias são referentes as mulheres com ensino superior e conquistas na área acadêmica, em textos feministas em prol da liberdade e dos direitos das mulheres e anúncios de uma médica e farmacêutica.

A título de síntese, exemplificamos abaixo quantos incidências cada categoria obteve, do maior para o menor.

Filhas e esposas associadas a figuras masculinas: 91 menções

Santa: 48 menções

Serviçal: 44 menções

Artista: 35 menções

Marginalizada: 36 menções

Professora: 21 menções

Estudantes: 16 menções

Religiosa: 16 menções

Empoderadas: 8 menções

Para análise de cada uma das identidades, elencamos de duas a três notas, notícias ou artigos paradigmáticos, na impossibilidade de lidarmos com a extensão total do *corpus* para uma análise qualitativa. Optamos por manter a grafia da época.

Filhas e Esposas - Publicação escolhida: 31/03/1903

“Na avançada idade de 78 annos, falleceu sexta-feira, às 8 horas da noite, a veneranda senhora d. Anna Leocadia Moreira de Miranda, respeitavel progenitora dos srs. Ernesto Miranda, inspector da hygiene municipal, e Fernando Miranda, funcionario estadual”.

Nesta identidade, das 91 menções, a figura masculina se faz presente em 88 delas. Mesmo a notícia sendo especificamente sobre a mulher, o enfoque era no marido, no filho, no pai ou no sogro, assim como os sobrenomes e funções dos mesmos, colocando-as em segundo plano. Dentre todas as identidades analisadas, “Filhas e esposas” é a que mais se destaca. Suas vidas, vestimentas, relações sociais e liberdade de ir e vir, eram moldadas pelo patriarcado e refletem na nota elencada acima, a partir da qual notamos que a mulher tem sua identidade social construída por meio de seus filhos. Enquanto o feito os homens são referenciados como inspetor de saúde e funcionário estadual, o feito da falecida seria ser a “progenitora” dos dois. Os adjetivos utilizados para qualificar a mulher apresentam uma relação com a figura masculina, pois quanto mais respeitável e reconhecido o homem for, mais a mulher será elogiada. Ou seja, o prestígio da mulher está subjugado ao prestígio dos homens com quem ela convive. Todas as mulheres mencionadas aparecem de forma neutra ou elogiosa, pois eram ligadas a homens de classe média ou alta. Mulheres populares não eram retratas.

A função de vida dessas mulheres, portanto, era orbitar em torno do masculino e atender as necessidades desses, seja atuando como mãe, esposa

ou filha. Isso se estendia às meninas, que eram descritas como filhas de generais ou de figuras de importância. Notícias sobre suicídio de mulheres dentro dessa identidade, por exemplo, causava espanto e textos longos eram escritos sobre a indignação de ‘veneradas senhoras de tão seleta sociedade’ cometerem tal ato. Suicídios cometidos por mulheres “comuns” eram relatados em pequenas notas, sem menções ou suítes.

O domínio masculino sobre o corpo, a mente e o emocional das mulheres, são questões levantadas na segunda onda do movimento feminista na década de 60, que iniciou uma ruptura com a ordem vigente.

Santa - Publicações escolhidas: 03/10/1903 e 21/04/1903

“D. Isabel, porém, catholica, alma boa e meiga, educada no regaço da virtude, á sombra da arvore Santa do Evangelho, e mãe amorosa, não consentiu que houvesse mais uma só mãe na sua Patria que concebesse e atirasse ao mundo desgraçados, infelizes, escravos!

“Filha, neta, descendentes de reis e imperadores, ella, de um lado, via uma corôa cheia de diamantes, um sceptro fazendo curvar todas as cabeças, um throno cheio de fulgurações, do outro, simplesmente, o olhar doce, meigo e piedoso de Jesus Christo, parecendo dizer: --- salva as creancinhas que nascem!...E a princesa perdeu seu throno, mas conquistou outro no céu e as bênçãos da humanidade”.

Nessa identidade e na sociedade como um todo da época, o catolicismo como religião predominante, atuava como um medidor de caráter e valores humanos, principalmente quando se tratava das mulheres. O discurso empregado nas publicações colocava essa identidade em um patamar de perfeição e pureza inatingíveis para as demais mulheres, principalmente se fossem pobres ou negras, mesmo se fossem assíduas nas atividades religiosas e com as mesmas características que as demais.

A publicação escolhida traz os elementos analisados da identidade, os adjetivos e a construção do caráter virtuoso associado a imagem cristã, e com uma característica a mais: a política. Nota-se uma simbiose entre política e a religião, com a Princesa Isabel figurando como uma líder de alma boa, meiga e educada, uma mãe amorosa para os brasileiros.

O discurso religioso associado a política, com a igreja próxima aos centros de poder ainda era forte, a despeito do Decreto nº 119-A, de 07/01/1890, assinado por Ruy Barbosa, que já havia tornado o Brasil um Estado laico.

Os eventos sociais que figuravam nas notícias eram frequentados por mulheres católicas abastadas e eram marcados por “Senhoras formosas, distintas e trajando toilettes do mais fino gosto, da maior riqueza, dos últimos figurinos (Publicação: 21/04/1903-página 2)”. Portanto, boa parte de mulheres de nosso país não integrava tal identidade. É notório uma preferência por mulheres brancas, casadas com homens de influência e com condições financeiras a altura dos termos ‘pureza e perfeição’. Na parte dos poemas e crônicas, muitas vezes associava as mulheres à imagem da Virgem Maria, como ideal feminino. Nota-se, também, uma construção estética no que diz respeito ao padrão de beleza como no trecho “Teus sedosos cabelos loiros (Publicação: 12/02/1903- capa)”.

Serviçal - Publicação escolhida: 06/10/1903

“PRECISA-SE de boas arrumadeiras para quartos e de boas ajudantes de cozinha (de cor branca), no Hotel de Europa”.

A abolição da escravatura em 1888, deixa de herança no cenário brasileiro o racismo estrutural. Com a ausência de seus direitos e garantias como trabalhadoras, e ainda sendo vítimas de preconceito, essa identidade também se encontrava à deriva em termos sociais.

Em 1916, o código civil inclui o trabalho doméstico como prestação de serviços, mas a primeira lei nacional que regularizou o trabalho doméstico foi com o Decreto-lei n. 3.078/41, portanto, em 1903, a questão estava longe de ser olhada. Em anúncios e notícias dessa época, era retratado um discurso com traços do período escravocrata.

Em 1903, anúncios como esse eram o retrato da segregação racial tendo como plano de fundo o sistema escravocrata, que deixou sua marca na construção de uma sociedade misógina, exploradora e desigual em todas as

esferas. Além de vários anúncios exigirem explicitamente mulheres brancas, alguns ainda pediam por mulheres europeias, o que demonstra uma visão eurocêntrica de mundo.

Artista - Publicação escolhida: 20/10/1903

“É dever nosso igualmente salientar a sra. Isabel Ficke que ainda uma vez demonstrou que é uma artista conscienciosa e inteligente, que se compenetra perfeitamente do papel que lhe cabe. Variando sempre os seus espectáculos, a companhia tem direito a merecer do nosso publico toda a protecção, tanto mais que ella esforça para merece-lo, representando, como o fez no domingo”.

No livro “A Mulher e o Teatro Brasileiro no Século XX”, organizado pelas professoras e pesquisadoras Ana Lúcia Vieira de Andrade e Ana Maria de B. Carvalho Edelweiss, é levantado o questionamento de um possível matriarcado na cena do teatro nacional, em um tempo no qual a maioria dos cenários sociais predominava a presença masculina. Os eventos históricos marcam e acompanham as produções e as construções discursivas ao longo das épocas. Nota-se uma polarização na figura feminina, não apenas na área artística como em outras nesse período. O teatro ora era visto como uma “variante do exercício da prostituição” como relata as autoras, ora visto como prestígio e louvor.

Na publicação analisada, é narrada uma performance digna de elogios, como todas as publicações relacionadas a essa identidade ao longo da análise. Assim como a identidade da mulher “religiosa”, a artista era reconhecida e admirada, tendo sua imagem e sua função, um lugar de destaque no jornal, com seus nomes e sobrenomes citados em todas as menções. Apesar de ser uma conquista em relação a visibilidade da mulher, é de se questionar o tipo de performance artística que elas desempenhavam, já que as publicações citavam apenas o nome das peças teatrais e os atores e atrizes participantes, revelando poucos detalhes sobre o conteúdo. As publicações analisadas só continham elogios, o que dá a entender que as atrizes estavam dentro de um padrão da figura feminina tradicional.

Mesmo que nessa identidade em específico as mulheres tenham sido retratadas sob um prisma positivo, divergindo da conclusão de Ana Lúcia Vieira de Andrade e Ana Maria de B. Carvalho Edelweiss, quando observamos o jornal na íntegra notamos tal polarização em relação as mulheres. Em uma mesma página, na qual as artistas eram elogiadas, outras mulheres eram marginalizadas ou descritas com adjetivos pejorativos, como ocorria com a promíscua ou baderneira, a invisível e mesmo com a professora.

Marginalizada - Publicações escolhidas: 26/04/1904 e 17/09/1903

“Uma mulher, immensamente magra e alta, enrolada em vestuario de chita barata, e talvez sob a acção de alguns calices de paraty, dava á língua, fazendo um berreiro medonho, porque era perseguida por alguns garotos que se apoderaram de umas cannas, que transportava a infeliz megera. A scena durou alguns minutos. Causando o riso a todos que assistiram á ella, tal o desempenho do personagem. Correndo para um lado e para outro, erguendo os braços, saccudindo as pernas, a protagonista dava pasto á sua indignação, usando de um palavriado crú, verdadeiros trechos de theatro livre. E tudo isto em pleno coração da cidade, na principal via publica; porque, infelizmente, a nossa cidade está infestada de vagabundos de ambos os sexos, de certo tempo para cá!”.

“Acham-se presos 17 indivíduos, por múltiplos crimes, sendo 14 homens e 3 mulheres, inclusive duas loucas. Nenhuma reclamação foi apresentada. E’, todavia, muito de lamentar a situação das duas loucas recolhidas, como se criminosas fossem, a um xadrez, local positivamente incompativel com o tratamento médico que exige o estado morbido das desventuradas creaturas. Reclusas dia e noite e sujeitas a um regimen alimenticio instituido para presos, ellas esperam ha longo tempo a sua entrada no manicomio em via de installação na fazenda da Vargem Alegre. A situação das pobres loucas impressionou mal o dr. promotor publico, assim como os demais visitantes”.

Essa é uma identidade que pouco aparece em publicações, todas as menções, todas são voltadas para agressões, violência doméstica, ofensas, prisões e morte. Com uma imagem depreciada e sem proteção perante a lei - somente na constituição de 1988 que algumas conquistas referentes à isonomia, direitos humanos, sociais e trabalhistas foram alcançados. Até então,

elas viviam às margens da sociedade, estigmatizadas, sem nenhum tipo de apoio ou direito.

No caso da primeira publicação, a mulher em questão, que na realidade é uma vítima dos garotos que pegam seus pertences, acaba sendo denigrada, seja por seu “berreiro medonho” e “palavriado cru”, ou por “dar a língua”. A publicação acaba insinuando que ela estaria sob efeito de álcool, e não de uma bebida apreciada em bons círculos, mas sim de origem popular, no caso a cachaça. Ela é retratada como “megera”, “infeliz”, “imensamente magra e alta” e que estaria “enrolada em vestuário de chita barata. É como se a qualidade inferior de sua roupa, pelos padrões da época, não levassem a mulher a estar efetivamente trajada, e sim “enrolada”, como um animal ou bebê de colo. Por fim, o jornal chama a mulher de vagabunda, ao dizer que “a cidade está infestada de vagabundos de ambos os sexos, de uns tempos para cá”.

Os inúmeros insultos pessoais, desde seu comportamento, características físicas, linguajar e trajes expressões corporais, a desqualificam, pois ela se distanciava do padrão feminino tido como positivo para a época.

A luta feminista em 1903 se encontrava em seu começo, com pautas voltadas para direitos de estudo, voto e maior participação política. É só na terceira onda do feminismo que a luta contra os termos misóginos e pejorativos assim como a censura, opressão e repressão são intensificados.

Das 36 menções da identidade, 16 referem-se a espancamentos, mortes, delegacia e abusos sexuais. Das 16, oito menções são resultado da violência doméstica proferida por maridos, pais e parentes. Nove envolvem baderna ou promiscuidade. Notou-se um aumento dessas notícias em agosto de 1903, momento a partir do qual foram notificados de três a cinco ocorrências por mês.

Na segunda publicação analisada, observa-se o contexto social da época referente ao tratamento da saúde mental no Brasil, nesse caso de mulheres. A luta antimanicomial com seu início na década de 70, impulsionou a criação da Lei 10.216/2001 que priorizava tratamentos menos invasivos e com

reinserção na sociedade. Apesar dos avanços referente aos direitos e principalmente ao tratamento humanizado, essas são conquistas recentes que não contemplam a realidade do Brasil em 1904.

A situação decadente das mulheres mantidas em uma delegacia como se fossem criminosas e sem nenhum tipo de tratamento adequado, levaram muitas delas à morte por negligência. A fazenda de Vargem Alegre que realizava a internação de homens e mulheres, em seu primeiro período (1904-1920) administrada por Epaminondas de Moraes, contou com 1.412 pacientes, 521 mortes e 11 pacientes que possuíam assistência familiar junto ao tratamento. No artigo 'As insanas do Hospício Nacional de Alienados (1900-1939)' (FACCHINETTI; RIBEIRO; MUNOZ) relata que 94% das internações eram financiadas pelo governo do Distrito Federal, e mais de 96% eram levados pela polícia, onde boa parte das mulheres internadas eram 'pardas' ou 'negras'. Analisando o trecho em questão, mesmo o espaço do jornal tendo sido usado para expor os abusos e maus tratos sofridos na penitenciária pelas mulheres descritas como loucas, nota-se mais uma preocupação com o encaminhamento das mulheres para o Hospício, em vias de funcionar. A lógica da complacência x punição em relação ao feminino também se faz presente, trazendo à tona novamente um discurso ambivalente.

Professora - Publicações escolhidas: 18/04/1903 e 30/05/1903

Scena triste

“Na quarta-feira ocorreu no palacio do presidente do Estado uma tristissima scena, caracteristica dos tempos de miseria, que o sr. Quintino trouxe para o nosso infeliz Estado. Uma professora veiu de Nictheroy falar a s. ex. para pedir-lhe o pagamento de seus vencimentos atrazados. Estava sentada em uma das ante-salas do palacio, quando foi accommettida de uma syncope. Soccorida por diversas pessoas, e voltando a si, a desgraçada professora declarou que a causa do seu incommodo era inanição. Por falta absoluta de dinheiro tinha passado todo o dia sem nenhuma alimentação.

“É esta situação da grande maioria dos professores estaduaes. Na mais negra miseria muitos deles já estendem a mão á caridade publica. No Estado do Rio e no Brazil é a primeira vez que se desenha uma situação desta ordem. E o Patriarcha conserva-se indifferente a todas estas vergonhas!! Depois de muitas lagrimas, derramadas pela infeliz professora, o sr. Quintino teve um rasgo de generosidade: mandou-lhe pagar um mez de vencimentos atrazados”.

Os adjetivos associados à professora são “desgraçada”, “triste”, “miséria”, na primeira nota, e “infeliz”, na segunda. O pagamento deveria ser direito da profissional, que é pejorativamente identificada, sofrendo de inanição, condição esta que não aparece como consequência do governo que não paga o salário.

Na segunda nota, a professora também estava com o salário atrasado. O Sr. Quintino aparece como uma pessoa caridosa que “teve um rasgo de generosidade” e que mandou pagar um mês do salário atrasado para a “infeliz professora”. Novamente, o salário não seria um direito, mas uma concessão.

Um trecho da segunda nota afirma que “no Estado do Rio e no Brasil é a primeira vez que se desenha uma situação desta ordem”. Se foi a primeira vez que notícias como essa vieram a público no estado do Rio de Janeiro e no Brasil no ano de 1903, após essa data elas se popularizaram no Brasil e no mundo. A desvalorização da profissão não se limita ao gênero, porém, o fato de ser mulher implica em mais desigualdades em relação aos direitos, como diferença salarial, carga horária e promoção.

Curioso observar que, ao passo que os primeiros sinais da desvalorização do magistério já estavam visíveis na publicação de 1903, o prestígio e a admiração na identidade ‘A religiosa’ mantem-se intactos, como se a posição religiosa juntamente com o ensino (duas coisas distintas, vale lembrar) trouxesse prestígio para essas mulheres que eram religiosas e professoras. Entra-se novamente na ordem dos discursos e dos interesses que ditavam o funcionamento e a ordem social vigente. Uma educadora religiosa dificilmente seria socorrida por inanição ou por falta de dinheiro para comprar comida, se humilhando e sendo humilhada por buscar seus direitos reconhecidos por lei.

Importante ressaltar que, em algumas publicações, a professora também aparece sob um prisma positivo, sendo ambivalentemente construída, ora como uma figura profissional importante, ora como uma profissional que sofre e

é digna de pena, especialmente por salários atrasados e licenças que são negadas.

Estudantes - Publicação escolhida: 18/01/1903

“Realisar-se-á a 3 de Junho próximo, no Theatro Floresta, o festival organizado pelas alumnas da Escola Normal Livre, em beneficio desse util estabelecimento de ensino”.

A forma de ensino era voltada para a leitura, escrita, catecismo e as operações básicas de aritmética, assim como os trabalhos manuais de costura e bordado. É notória a influência da moral e dos valores cristãos na formação das estudantes. No jornal, era uma identidade apreciada, exatamente por orbitar em torno das freiras, que gozavam de prestígio. Os elogios, tinham como plano central as freiras que “Com proficiência e zelo, preparam as nossas patricias que saem verdadeiros primores de suas mãos”. Já nos pedidos de doações eram citadas como “pobre órfãs”.

A religiosa- Publicações escolhidas: 18/01/1903 e 26/01/1904

Collegio Santa Izabel: “Convidados por um amigo a visitarmos esse importante estabelecimento, installado á avenida 15 de Novembro n.113 e denominado Collegio de Santa Izabel, fomos recebidos pela digna Irmã Superiora, a Exm. Irmã Mahieu, que, com a delicadeza que lhe é peculiar, teve a bondade de nos acompanhar na visita ao estabelecimento, ministrando informações que muito nos satisfizeram(..) A direcção desse importante estabelecimento está a cargo das Irmãs de Caridade, também chamadas de filhas de S. Vicente de Paulo, que, com proficiência e zelo, preparam as nossas patricias que saem verdadeiros primores de suas mãos”. 18/01/1903

“A illustre redacção da Tribuna de Petropolis a irmã directora da Escola Domestica de N. S. do Amparo, em nome das orphãs, cordialmente agradece a grande esmola de 34\$000, que recebeu hontem”. 26/01/1904

A nota de 26/01/1904, demonstra que o espaço de fala era pouco, mas existia, quando analisamos que a nota é assinada pela irmã. Interessante salientar a posição social que a diretora ocupava, era uma mulher religiosa e prestigiada, portanto, com poder de fala. O fato de uma mulher escrever uma nota para um jornal em 1904, em um contexto no qual o jornal era produzido

praticamente para homens e em que a luta feminista se encontrava em seus primeiros anos de estrutura e mulheres não possuíam valor nem espaço para qualquer tipo de manifestação ou liberdade de expressão, mostra o quanto o *status* religioso era considerado na produção do discurso.

A publicação do dia 18/01/1903, repleta de adjetivos, retrata uma visão acerca da mulher religiosa que é marcada pela “delicadeza e bondade”, ou seja, apenas por ser uma freira, isso dava às irmãs uma série de privilégios que outras mulheres não necessariamente tinham. Além disso, as palavras “proficiência” e “zelo” na formação das patrícias que saem “verdadeiros primores de suas mãos”, reconhece a identidade de freira como uma ocupação profissional legítima feminina. Citadas dessa forma na maioria das publicações analisadas, as freiras atuavam, portanto, diretamente na construção moral das meninas que ficavam sob sua tutela e eram vistas sob um prisma positivo.

Empoderadas - Publicação escolhida: 04/08/1903

“A primeira brasileira que tomou o grão de bacharel em sciencias sociaes e juridicas, d. Maria Coelho, era Pernambucana. Formou-se em 1888 no Recife e o primeiro réu que defendeu no Tribunal do Jury, foi o subdito hespanhol José B. Plaza, que foi absolvido. São symptomas que encorajam a propaganda da travessia em seis dias do Recife á Cadiz”.

A figura da mulher frágil e abnegada toma contornos distintos nessa identidade. As oito notícias referente à abertura de negócios, formação acadêmica, autonomia financeira e textos feministas nos jornais, são traços que, apesar de contarem com poucas aparições na época, principalmente na imprensa petropolitana, representam os ideais feministas em seus primórdios, que fervilhavam em outros países, encorajando outras mulheres presas aos rótulos familiares e sociais.

Considerações Finais

Uma polarização foi encontrada nas edições do jornal Tribuna de Petrópolis nos anos de 1902 a 1904, referente ao corpus de análise. Os

discursos empregados para descrever a figura feminina variavam entre tons de total reverência ou total desprezo.

Artigos ou crônicas referentes à beleza ou a pureza do feminino, ressaltavam a idealização que se esperava de uma mulher na época. Outras notícias referentes a realidade (como agressões, prostituição e morte), descreviam a mulher de forma depreciativas, com adjetivos negativos. O uso de adjetivos é uma característica comum do jornalismo no início do século XX, também encontrada no jornal Tribuna de Petrópolis.

Foram notificadas 09 identidades ao total, sendo cinco delas mencionadas com prestígio: Filhas e esposas, santa, artista, estudantes e religiosas. Filhas e esposas teriam relação com homens de prestígio, ou seja, é uma forma indireta de ser bem-vista e que depende, exclusivamente com os homens que referendariam tais mulheres, tanto que os nomes das mulheres dificilmente eram divulgados. A identidade de santa corresponderia a uma idealização acerca do feminino, explicitando como um dos principais papéis sociais da mulher o cuidado para com a família, identidade essa marcada por analogias com santas religiosas. A identidade de religiosa tematiza as freiras, endossadas por uma ocupação profissional fundamental para a formação das crianças e estabelecendo articulação com a identidade de estudantes, que gozam, indiretamente, do prestígio das freiras, já que são “fruto” do trabalho das religiosas. Assim como a religiosa é reconhecida a partir de adjetivos positivos, a artista segue essa lógica, sempre referendada com respeito pelo jornal.

Em contraposição às cinco identidades acima, as identidades de serviçal e marginalizada apresentam o lugar do desprestígio e desamparo, sendo construídas discursivamente com termos preconceituosos. Em algumas notas nas quais as mulheres sofreram agressões, o jornal critica a impunidade dos agressores, o que já demonstra alguma sensibilidade com relação às mulheres, mesmo que algumas notícias e notas a Tribuna utilizasse termos negativos para se referirem às mulheres. Ou seja, ao mesmo tempo que o jornal critica a

conduta de algumas mulheres, também reconhece em alguma escala, em poucas notas, que alguns agressores deveriam responder por tais crimes.

Compartilhando dessa mesma oscilação entre um polo positivo e negativo está a identidade da professora, ora desvalorizada, ora elogiada. Já a identidade empoderada é uma exceção para a época e é a menos mencionada. São descritas de forma neutra e/ou positiva, o que demonstra o prelúdio de uma perspectiva feminista no período.

Na análise composta de 199 edições, um total de 804 páginas foram examinadas, com as identidades Filhas e esposas e Santa, com 91 e 41 menções respectivamente, ocupando as primeiras posições. As identidades empoderadas (9 menções) e estudante e religiosa, ambas com 16 menções, ocuparam as últimas posições no ranking.

A figura da mulher, ainda hoje, é um borrão distorcido, herança de um sistema patriarcal opressor. A liberdade perante os seus corpos não foi plenamente alcançada e as suas buscas pessoais e coletivas ainda são tratadas com escárnio, por alguns grupos.

A luta feminista prossegue em cada novo livro lançado, em cada cadeira acadêmica conquistada e em cada novo questionamento sobre seu real tamanho e lugar dentro da sociedade, seja dentro ou fora do discurso midiático.

Referência Bibliográfica

ANDRADE, Ana Lúcia Vieira; EDELWEISS, Ana Maria de B. Carvalho. **A Mulher e o Teatro Brasileiro do Século XX**. São Paulo: Hucitec 1ª.edição, 2008.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMPOS, Tamara de Souza. **Identidades Femininas possíveis na Tribuna de Petrópolis**, na Primeira Onda do Feminismo. XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM Nacional), 2020, p.1-15.

COSTA, V. S. **Perde-se a capital, ganha-se um jornal**: a criação da Tribuna de Petrópolis e o resgate do poder simbólico e político regional. Revista

Brasileira de História da Mídia. V.6, n.1, 2017. Disponível em: <153https://ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/viewFile/6069/3565>. Acesso em 03/10/2019.

_____. Tribuna de Petrópolis: Trajetória e representação na cidade imperial. Imprensa e identidade de Petrópolis em 100 anos de jornal local. 2011. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Locais) – CPDOC.

DURHAM, Eunice. Família e reprodução humana. In: _____. A dinâmica da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.325-355.

FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andréa; MUÑOZ, Pedro. **As insanas do Hospício Nacional de Alienados (1900-1939)**. (2007). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702008000500012&fbclid=IwAR2FZqLE8qGwerobhkibRtV-3oScu6VGOqpMPfKI16CRWE5RrK70b_Y9EUI

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

_____. O patriarcado do salário. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 e dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola.

FRIDAN, Betty. **Mística Feminina**. Trad. Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

HOOKS, Bell. **O Feminismo é para Todo Mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

LE GOFF, J. **As mentalidades: uma história ambígua**. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.) História: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. [original: 1974].

LOCKE, John. **Dois Tratados Sobre o Governo**. (1998) São Paulo, Martins Fontes.

ORLEANS E BRAGANÇA, F. **Compromisso e coerência**. 22/03/2020. Acesso em: <<https://tribunadepetropolis.com.br/compromisso-e-coerencia>>. Acesso em 03 de julho de 2020.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. (1993). São Paulo, Editora Paz e Terra.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STANTON, Elizabeth. **Declaração de Sentimentos**, 1848.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume I: Porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WOITOWICZ, Karina Janz. “**Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: a conquista da escrita feminina**”. (2008). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-no-4-outubro-de-2012/Marcos%20historicos%20da%20insercao%20das%20mulheres%20na%200imprensa.pdf>

WOOLF, Virgínia. **Um Teto Todo Seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.